



ANAIS DO XXXII COLÓQUIO CBHA 2012

DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

Organização

Ana Maria Tavares Cavalcanti

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

Maria de Fátima Morethy Couto

Marize Malta

Universidade de Brasília

Outubro 2012



Cultural Analysis: contribuições para uma história da arte excêntrica

Elisa de Souza Martinez

Universidade de Brasília/Universiteit van Amsterdam-ASCA

Resumo: A Análise Cultural é um campo de abordagem teórica transdisciplinar desenvolvido a partir do trabalho de Mieke Bal, no contexto da Amsterdam School for Cultural Analysis. Nessa perspectiva, a metodologia de análise se constrói a partir da identificação de um campo de relações conceituais, ou uma constelação de conceitos em trânsito. A validade teórica de uma análise se confirma na medida em que esta está fundamentada no confronto direto com um objeto de pesquisa. Consequentemente, a metodologia não existe a priori, e encontra-se em permanente atualização.

Palavras-chave: Análise Cultural. Mieke Bal. Interdisciplinaridade. Conceitos em trânsito. Metodologia.

Abstract: Cultural Analysis is a field of transdisciplinarity, a theoretical approach that has at its core the work of Mieke Bal at the Amsterdam School for Cultural Analysis. According to this view, the methodology of analysis emerges from the mapping of a field of conceptual relations, or a constellation of travelling concepts.

Theoretical validity attributed to a form of analysis is supported by its capacity for confronting the specific situation generated by each object. Consequently, there is no methodology a priori and the validity of any interpretation should be constantly evaluated.

Keywords: Cultural Analysis. Mieke Bal.

Interdisciplinarity. Travelling Concepts. Methodology.

Apresentamos neste trabalho alguns aspectos da contribuição teórica de Mieke Bal e demais pesquisadores da Amsterdam School for Cultural Analysis (ASCA) da Universiteit van Amsterdam para o desenvolvimento de uma metodologia de análise no campo das artes visuais. Considerando a amplitude da produção de Mieke Bal, destacamos alguns conceitos que permeiam a abordagem teórica que tem desenvolvido desde a publicação do livro *Reading 'Rembrandt': Beyond the Word-Image Opposition*, em 1991, que, em nossa abordagem interdisciplinar possam sinalizar alguns desdobramentos que o pensamento teórico oferece para a interpretação das situações em que a obra de arte tem sido exposta em espaços museológicos. No período de setembro de 2011 a agosto de 2012 desenvolvemos, com apoio do Programa de Bolsas de Estágio Pós-Doutoral no Exterior da Capes/MEC, o projeto de pesquisa *A obra de arte no contexto das narrativas curatoriais - estratégias de significação excêntricas*. O que apresentamos neste texto não é um resumo de todo o percurso de pesquisa desenvolvido, cujos desdobramentos ainda nos apresentam

muitos desafios para realizar uma síntese que além de contemplar a riqueza do material pesquisado em arquivos, bibliotecas e museus de Amsterdam e Paris, seja concisa e exponha com clareza uma metodologia de análise abrangente.

A diversidade de abordagens que atualmente se constroem a partir dos pressupostos teóricos elaborados por Bal, presentes nas pesquisas desenvolvidas na ASCA extrapolam o espaço de que dispomos para uma apresentação no Colóquio do CBHA. Além disso, as repercussões do trabalho de Bal sobre a bibliografia de pesquisa da obra de pintores como Rembrandt e Caravaggio extrapolam o ambiente multidisciplinar da ASCA para permear também o trabalho realizado em instituições como o Institut national d'histoire de l'art, em Paris, que nos Deuxièmes rencontres de la Galerie Colbert - Autour du Narcisse de Caravage; reflets d'un mythe, em 2012, apresentou em mesa-redonda com Giovanni Careri (EHESS), Guillaume Cassegrain (Lyon 2) e Jérémie Koering (CNRS/Centre Chastel) com o título *Le Narcisse de Caravage : un objet théorique pour l'histoire de l'art* para debater o modo pelo qual o trabalho de Hubert Damisch, Stephen Bann, Mieke Bal e Michael Fried configura novos métodos e limites para a história da arte ao confrontar o Narciso de Caravaggio como objeto teórico. Em 2011, por sua contribuição para a história da arte, foi concedido a Mieke Bal o Distinguished Lifetime Achievement Award for Writing on Art pela College Art Association (CAA), dos Estados Unidos.¹

¹ Em cerimônia realizada no Metropolitan Museum of Art, no dia 10 de fevereiro de 2011, Mieke Bal recebeu o prêmio concedido durante cerimônia da 99th Annual Conference.

Embora estejamos desenvolvendo os desdobramentos da pesquisa e da interlocução que tivemos a oportunidade de desenvolver com Bal durante nosso estágio pós-doutoral, apresentaremos neste texto alguns princípios teóricos gerais que, em nosso julgamento, apresentam grande relevância tanto para a tarefa de pesquisar quanto para a de formar novos pesquisadores no campo da história e da teoria da arte. Os resultados de uma abordagem teórica aplicada ao tema da pesquisa será objeto de outro trabalho. Além disso, a aplicação de conceitos teóricos é um dos desafios que encontramos no diálogo com Bal, e a busca de expressões que possam traduzir para a língua portuguesa os conceitos formulados por Bal ainda é uma tarefa em desenvolvimento.

Os pressupostos

A análise interdisciplinar dos objetos artísticos se desenvolve na articulação de abordagens teóricas cuja relevância é medida conforme sua contribuição para a pesquisa nos campos da teoria e da história da arte. O ponto de partida para esta afirmação é a necessidade de

Sobre a contribuição de Mieke Bal, encontramos a seguinte definição da CAA: "The protean career of Mieke Bal, Royal Academy of Arts and Sciences Professor at the University of Amsterdam, has traversed many fields in the humanities. Emerging as a brilliant biblical scholar with path-breaking books that explored the gendered nature of Old Testament narratives, Bal became a star in literary criticism with the English translation of her 1977 book *Narratology* (1985). Ever curious and creative, her interests then migrated to art history, where she rapidly challenged established methodological conventions with *Reading Rembrandt: Beyond the Word Image Opposition* (1991) and *Quoting Caravaggio: Contemporary Art, Preposterous History* (1999)—not to mention her well-known essay "Semiotics and Art History," coauthored with Norman Bryson and published in *The Art Bulletin* (1991). Applying philosophical principles to an enterprise too often obsessed with empirical "evidence," Bal provocatively rethinks the status of artistic authorship, the nature of the text/image relationship, the structure of text/context relationships, and the character of historical time".

compreender o modo pelo qual são atribuídas a um mesmo objeto funções que, no vasto campo das práticas culturais, são desempenhadas por obras de arte. Além disso, como categorizar os modos pelo qual objetos de arte são identificados, na contemporaneidade sem que a atribuição de qualidades estilísticas originais ou a identificação de meios e processos essencialmente artísticos sejam indispensáveis?

Nesta comunicação, apresentamos algumas indagações que norteiam a elaboração de uma abordagem teórica para realizar, a partir da identificação de um campo de relações conceituais (*travelling concepts*), a análise de práticas curatoriais contemporâneas. Partindo da constatação de que existe uma tensão constante entre discursos universalizantes e objetos em situações de exposição, apresentamos alguns pressupostos da abordagem elaborada por Mieke Bal, fundadora da Amsterdam School for Cultural Analysis, da Universidade de Amsterdam para a análise de exposições. O modelo interpretativo de Bal se desenvolve como um diálogo heurístico com obras de arte, é abrangente e, ao mesmo tempo, condizente com a diversidade dos discursos expositivos e das narrativas a estes relacionadas.

Consolidada como abordagem teórica transdisciplinar, a Análise Cultural (*Cultural Analysis*) propõe uma metodologia apoiada na delimitação de campos conceituais, e não na aplicação de métodos pré-existentes. Aproximações com as abordagens semióticas da história da arte que caracterizam o trabalho de autores como Giulio

Carlo Argan, Omar Calabrese e Georges Didi-Huberman, são evidentes.

Como aferir validade teórica na prática? Como distinguir uma interdisciplinaridade produtiva de uma multidisciplinaridade confusa? Existe a possibilidade teórica de construir um discurso neutro ou este é apenas uma estratégia retórica? Qual a pertinência do conceito de leitura para a análise de imagens? Qual a relação entre pensamento e prática no campo teórico? Qual a pertinência do estudo da arte do passado hoje?

Essas são algumas das questões na abordagem elaborada por Mieke Bal a partir do entrelaçamento de campos disciplinares distintos. Seus livros são referência para o estudo da obra de artistas como Rembrandt, Caravaggio, Louis Bourgeois, Doris Salcedo e Mona Hatoum, entre outros. Nossa apresentação não visa condensar princípios teóricos, tarefa que seria contraditória a estes mesmos princípios norteadores de uma postura que, na definição de Bal, é a Análise Cultural. O uso de “trânsito” como um conceito central para o entendimento da elaboração de uma abordagem teórica como “aventura intelectual” desencadeia, sem desprezar a estabilidade inabalável de cada um dos campos teóricos que compõem uma constelação de referências, a exploração incansável de novos horizontes.

Como abordagem teórica, a Análise Cultural é uma prática. Para Bal, sem a prática da análise, na qual a metodologia se constrói a partir do confronto direto com o objeto analisado, não é possível avaliar a validade

teórica de uma abordagem. Ou seja, não há um modelo interpretativo que a partir da combinação de referências teóricas distintas, dosadas segundo uma regra de proporcionalidade estabelecida de antemão, possa garantir a relevância de uma abordagem interdisciplinar.

Em termos gerais, a Análise Cultural possui princípios teórico-metodológicos desenvolvidos por Bal em sua extensa produção teórica. Um desses princípios é a afirmação de que um conceito possui, simultaneamente, dimensões teóricas e práticas, sendo definido como representação abstrata de um objeto. São, entretanto, as bordas dessas dimensões, teórica e prática, que fundamentam sua existência e o trabalho de análise evidencia a configuração de sua pertinência e atualidade. O desafio teórico consiste em reconhecer que nenhum conceito representa um objeto sem distorcê-lo, ou desestabilizá-lo, ou reduzi-lo. Uma das causas dessa situação é a existência de um sujeito que, ao utilizar um conceito, faz escolhas. Desse modo, conceitos são situações teóricas complexas que podem auxiliar a análise de “objetos, situações, estados e outras teorias” (BAL, 2002, p.22).

Uma das implicações da valorização do uso de conceitos na construção teórica que é intersubjetiva é a importância atribuída a palavras denominadas, pejorativamente, jargão. Um conceito que expressa de modo explícito o campo teórico ao qual está vinculado contribui para que um território de entendimento comum entre interlocutores seja construído. Um conceito situado em um campo teórico expõe o pensamento de quem o utiliza,

tanto quanto expressa, ainda que implicitamente, o que lhe escapa. Expõe, portanto, com clareza e honestidade, o território teórico a que se vincula e, desse modo, torna possível sua compreensão.

Para compreender as implicações do uso de um conceito no processo intersubjetivo, de análise e interpretação de fenômenos artísticos, Bal ressalta que apesar da função que desempenham na elaboração de uma metodologia, conceitos não são unidades fixas e de sentido único. Tampouco são palavras extraídas do senso comum. Como exemplo, destaca-se o conceito de “sentido” que significa, simultaneamente, intencionalidade e significado. Essa sobreposição de possibilidades acompanha os usos da palavra/conceito a ponto de produzir uma convergência que, de modo simplista e superficial, implica na redução do significado de uma obra de arte à manifestação unidirecional das intenções de seu autor.

Conceitos não são nem palavras retiradas do senso comum nem rótulos. Conseqüentemente, a escolha de conceitos ocorre por critérios distintos dos que utilizamos para decidir entre as opções que se encontram no vocabulário de uso cotidiano, bem como do que tenha sido consagrado por uma tradição. O conceito tem dimensão teórica. Diferentemente dos rótulos, não correm o risco da obsolescência a que estão fadadas as palavras que emergem segundo modismos. Para desempenhar um papel na demarcação de um campo teórico no qual se desenvolve a análise, e sem recorrer a modelos interpretativos pré-estabelecidos, há uma condição: conceitos “devem ser

mantidos sob escrutínio por meio de um confronto com, não de uma aplicação a, os objetos culturais examinados” (Idem, p.24). Nessa perspectiva, a relação entre sujeito e objeto de uma análise não é uma situação polarizada e hierarquizada, em que o primeiro dita as normas de um fazer interpretativo. Em vez disso, é preciso ver a relação entre ambos - sujeito e objeto - como modelo de interatividade, bem como a reversibilidade de papéis. No processo interativo, sujeito e objeto não são papéis pré-atribuídos a pessoas ou coisas.

Se os conceitos não são fixos e transitam entre disciplinas, pesquisadores, períodos históricos e comunidades acadêmicas espalhadas pelo mundo, seu uso requer uma permanente diferenciação de sentidos, abrangência e valor operacional. Sem o exercício de localização da dimensão teórica de um conceito, corre-se o risco de utilizá-lo de modo enganoso ou de reduzi-lo a um clichê. E, por que o reducionismo é uma ameaça ao pensamento interdisciplinar? Em Análise Cultural, o reducionismo pode impedir o pesquisador de perceber que um conceito retirado de um campo disciplinar ao qual seu pensamento não está vinculado não garante uma abordagem interdisciplinar. Fora do campo teórico em que são gerados, conceitos correm o risco de perder sentido ou transitar em direção ao mero senso comum. O problema emerge no momento de compartilhar e buscar um entendimento comum, interdisciplinar, que possa superar as barreiras que são erguidas para defender os territórios tradicionalmente constituídos das disciplinas. Considera-

se que tanto o apego aos velhos usos de alguns termos quanto a oposição ao que pejorativamente é denominado “jargão” carrega a mesma “hostilidade anti-intelectual ao rigor metodológico” (Idem, p.24).

Para exemplificar a crítica ao uso de conceitos sem reflexão sobre os efeitos do trânsito entre campos disciplinares sobre sua função e significado, Bal cita o caso do termo hibridismo e pergunta:

Como este conceito da biologia - significando um ‘outro’ em relação ao espécime autêntico ou puro e presumindo que hibridismo conduz à esterilidade - que era comum no discurso imperialista de implicações racistas, pode vir a indicar uma situação idealizada de diversidade pós-colonial? Por que ele transitou? Tendo origem na biologia do século XI, foi utilizado primeiramente com sentido racista. Então, mudou, movendo-se através do tempo, para a Europa Oriental, onde encontrou o crítico literário Mikhail Bakhtin. Viajando novamente para o Oeste, eventualmente teve um papel breve mas protagonista nos estudos pós-coloniais nos quais foi posto à prova devido a suas implicações perturbadoras, incluindo os remanescentes da epistemologia colonial. Longe de conduzir um deslocamento longo como esse a um fim de linha, vejo o quanto um conceito como esse é importante para o desenvolvimento e a inovação no mesmo campo que agora o rejeita (tradução nossa).” (Idem, p.24-25).

O trânsito de conceitos não os desvencilha totalmente da história e de seus usos em campos semânticos distintos. Entretanto, ver essa mesma história como única fonte de referências para que seja atribuído um sentido ao conceito pode inviabilizar sua participação em um projeto teórico interdisciplinar e impedi-lo de contribuir para uma Análise Cultural. Para vislumbrar uma situação de interatividade, bem como de intersubjetividade, como paradigma de análise crítica, parte-se da constatação de que as definições dos conceitos, assim como seu uso tradicional em campos disciplinares distintos, são contribuições indispensáveis

para a definição de uma metodologia. De fato, a afirmação da mobilidade dos conceitos em resposta ao deslocamento entre campos teóricos é o princípio que orienta a elaboração de uma metodologia que não aspira a rigidez e tampouco é “frouxa”. A flexibilidade adquirida pelos conceitos em trânsito não pode ser confundida com o uso aleatório e desvinculado de uma reflexão crítica sobre seu uso. Esses são os casos de multidisciplinaridade confusa, a que Bal contrapõe a interdisciplinaridade produtiva.

As implicações do conceito de texto e sua pertinência além do domínio da linguística estão associadas a outro conceito, cuja dimensão teórica é central ao trabalho de Bal: focalização. O trânsito deste conceito, da Narratologia para a Análise Cultural, parece-nos exemplar de um modo de conceber a interdisciplinaridade.

Focalização, conceito que acompanha a obra de Bal desde sua pesquisa no campo literário, é apresentado em uma relação próxima, porém problemática, com outro conceito: olhar. É preciso distingui-los para evitar que seus sentidos sejam inadvertidamente sobrepostos. Olhar é um conceito que, em trânsito, requer uma definição mais precisa. Refere-se a um certo tipo de olhar, como ato realizado por um sujeito que fixa e coloniza o objeto de seu olhar. Esse é o olhar que atribui ao que é visto a posição de objeto, relegando-o à passividade e, até mesmo, negando sua integridade. Os contornos do conceito de “olhar” encontram-se na teoria lacaniana, e descreve o objeto que devolve o olhar ao sujeito que o olha. Segundo Bal, olhar é um “conceito indispensável por meio do qual

é possível compreender todos os domínios da cultura, incluindo os que estão apoiados no texto escrito” (Idem, p. 36). Para citar sua contribuição para campos de estudo em que a objetivação do que é olhado é alvo de análise, cita os estudos feministas. Cita também o modo pelo qual os efeitos de produção de sentido passaram a ser estudados pela antropologia, o que nos remete à análise comparativa do conjunto de imagens na exposição *The Colonial Imagination: Africa in Postcards*, reunido pelo curador Raymond Corbey e *The Colonial Harem*, trabalho de Malek Alloula sobre um ensaio fotográfico realizado na Argélia (BAL, 1996). Nesse trabalho, explicita-se o modo pelo qual o olhar é engajado de tal modo no objeto de contemplação que suas marcas e implicações na apreensão do sentido tornam-se obvias. O olhar colonizador se expressa e expõe a si mesmo.

Em relação à focalização, e no que tange a sua contribuição para a elaboração de uma metodologia interdisciplinar, marca-se a contribuição das teorias da narrativa, sobretudo a Narratologia de Bal. O uso do conceito de focalização permite associar dois conceitos que expandem sua dimensão visual: perspectiva e ponto de vista. Há, ainda, outro aspecto a ser destacado. A representação de um objeto, seja este visual ou literário, age sobre a imaginação de um destinatário. Ao considerar o papel ativo que essa representação desempenha em um processo perceptivo, consolida-se a importância da dimensão visual, até mesmo nos textos que poderiam ser vistos como unicamente literários. Isso decorre do modo

pelo qual a visão como processo engloba, simultaneamente, o olhar e a interpretação.

Para compreender o uso do conceito de focalização em teoria da arte, destaca-se a análise da obra de Rembrandt. Em grande parte do que foi produzido por esse artista, a narrativa é estruturada com elementos de figuratividade do feminino. A presença das figuras do feminino em estruturas narrativas a serem interpretadas na Análise Cultural gera uma abordagem dos modos de enquadrar situações de gênero: representações do nu, cenas de violação e o papel da mulher nas narrativas míticas. Para que a análise possa extrapolar a identificação de aspectos formais, o conceito de perspectiva é substituído pelo de focalização.

Quando a análise se debruça sobre objetos para os quais focalização é um procedimento que está na origem de sua produção, como é o caso dos processos fotográficos, pode parecer que seu uso em *Narratologia* é uma metáfora “tomada de empréstimo do visual” (BAL, 2002, p. 39). Neste caso, seu uso na análise de obras visuais seria apenas um retorno ao sentido literal e o trânsito pela Narratologia não teria oferecido qualquer tipo de enriquecimento teórico. Em vez disso, o objeto da análise é o modo como se dá o encontro do olhar - e suas limitações - que se situa em relação a um objeto para subjugar-lo, bem como a situação deste mesmo objeto subjugado.

Os conceitos de trânsito e de mobilidade associam-se também a outra contribuição de Bal para a Análise Cultural. Trata-se do conceito de *preposterous history* que desenvolvido, sobretudo, na análise das relações entre

o Barroco como pensamento pictórico característico da obra de Caravaggio que transita até a produção de artistas contemporâneos como Andres Serrano e Ken Apterkar (BAL, 1999). Nesse caso, para compreender o pensamento barroco presente nas obras de Serrano e Apterkar toma-se a obra do artista que os antecede cronologicamente, Caravaggio (pré) como uma decorrência (pós) de sua reelaboração por artistas contemporâneos. Desse modo, a análise de Bal apresenta uma trajetória de sucessivas investigações e propostas metodológicas que problematizam o estudo e a produção teórica sobre arte na atualidade. Este aspecto é abordado por nós em trabalhos que apresentam os problemas concretos que emergem a partir de cada objeto de pesquisa, que em nosso caso é uma situação de exposição para um conjunto de obras de arte.

Referências Bibliográficas:

BAL, Mieke. *Double exposures: the subject of cultural analysis*. New York/ London: Routledge, 1996.

_____. *Quoting Caravaggio: contemporary art, preposterous history*. Chicago and London: University of Chicago Press, 1999.

_____. *Travelling Concepts in the Humanities: a rough guide*. Toronto/ Buffalo/ London: University of Toronto Press, 2002. p. 22.